

Vol XIII, Núm 2, jul-dez, 2021, pág. 373-383.

## O ATO DA EXPERIÊNCIA: SALAS AMBIENTADAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE JI-PARANÁ (RONDÔNIA, BRASIL)

Gleudson Paulo Rodrigues Alves  
Aroni Matos de Oliveira  
Neivaldo Rodrigues dos Santos  
Clarides Henrich de Barba

### RESUMO:

Este artigo trata-se de um relato de experiência, que se constitui a partir de um exercício reflexivo advindo de discussões empreendidas na disciplina de fundamentos antropológicos, sociológicos e filosóficos da educação<sup>4</sup>, do curso de Mestrado, do programa de Mestrado e Doutorado em Educação Profissional (PPGEEProf) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), cujas discussões apresentadas buscaram compreender a constituição das metodologias constituídas no ambiente de uma escola pública através das práticas pedagógicas e dos seus composições filosóficas. As atividades foram desenvolvidas com alunos do nono ano do ensino fundamental e primeiro ano do ensino médio em uma escola da rede estadual de ensino no município de Ji-Paraná/RO. A referida escola foi uma das que implantou as chamadas *salas ambientes*, que têm por objetivo estimular o aprendizado dos alunos dentro de um ambiente lúdico, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem. Com o objetivo de descrever as experiências vivenciadas nesse contexto, observamos as relações interpessoais, a metodologia utilizada em sala de aula e a socialização entre professores e alunos dessa escola. A proposta metodológica deste estudo é discorrer sobre a pesquisa qualitativa. As abordagens qualitativas, que se baseiam em uma perspectiva fenomenológica, fazem uso de um conjunto de asserções com o objetivo de descobrir “fatos” e “causas”. Portanto os investigadores fenomenologistas tentam entender a significação de acontecimentos e interações humanas em situações particulares (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Com a abordagem fenomenológica Merleau-pontyana, tomando a compreensão do fenômeno situado como uma das modalidades desse tipo de investigação, discutem-se os momentos fundamentais da trajetória experimentada, ou seja, a descrição, e a compreensão fenomenológica com alguns recursos básicos a serem utilizados na construção da pesquisa que busca na metodologia compreensiva da fenomenologia, descrever os fenômenos humanos como experiência vivida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relato de experiência. Salas ambientadas. Escola pública. Fenomenologia.

### ABSTRACT

This article is an experience report, which is constituted from a reflective exercise arising from discussions undertaken in the discipline of anthropological, sociological and philosophical foundations of education, in the Master's course of the Graduate Program in School Education - Master's and Professional Doctorate (PPGEEProf) of the Federal University of Rondônia (UNIR), whose discussions presented sought to understand the constitution of the methodologies constituted in the environment of a public school through pedagogical practices and their philosophical compositions. The activities were developed with ninth grade elementary school students and first grade high school students in a state school in the city of Ji-Paraná/RO. This school was one

of the schools that implemented the so-called ambient rooms, which aim to stimulate the students' learning in a playful environment, helping in the teaching-learning process. In order to describe the experiences lived in this context, we observed the interpersonal relationships, the methodology used in the classroom, and the socialization between teachers and students of this school. The methodological proposal of this study is to discuss qualitative research. Qualitative approaches, which are based on a phenomenological perspective, make use of a set of assertions in order to discover "facts" and "causes". Therefore phenomenological researchers try to understand the meaning of human events and interactions in particular situations (BOGDAN; BIKLEN, 1994). With the Merleau-pontyana phenomenological approach, taking the understanding of the situated phenomenon as one of the modalities of this type of investigation, the fundamental moments of the experienced trajectory are discussed, that is, the description, and the phenomenological understanding with some basic resources to be used in the construction of the research that seeks in the comprehensive methodology of phenomenology, to describe human phenomena as lived experience.

**Key Words:** Experience report. Rooms set. Public school. Phenomenology.

## 1 INTRODUÇÃO

Uma das principais ferramentas metodológicas de pesquisa é relacionar teoria à prática e é exatamente a observação que possibilita um olhar diferente ao processo educacional que se molda e estrutura de maneiras distintas em cada ambiente escolar, vista as diferentes condições que estão alicerçando na educação.

Entrando em contato com a realidade escolar, por meio da observação da estrutura da instituição e das relações interpessoais entre alunos e docentes, permite que os observadores possam observar de modo detalhado a prática docente, identificando as principais dificuldades da profissão, e se entrelaçando na constância do educar, pois a educação é um processo de mudança social e tão logo, toda prática pedagógica circula em torno do ensinar e aprender com o outro.

No sentido de atribuir a observação ao ato pedagógico, Madalena Freire afirma que “observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela”. Isso implica, segundo ele, que “observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica” (FREIRE, 1992, p.14)

Fornecendo aos indivíduos experiências, a partir de suas necessidades de estar mais próximos ao campo teórico, a ação de observar é essencial para compreender os fenômenos que estão presentes nas relações dos sujeitos entre si e ao meio em que

vivem. Segundo Durkheim (2007), para um bom desenvolvimento acadêmico ocorra, é preciso que se haja o interesse de sentir a necessidade de sair do cotidiano em busca do saber, através da observação buscando uma compreensão do fenômeno.

A partir de reflexões e discussões mais consistentes sobre esse tipo de pesquisa, a Fenomenologia como recurso metodológico, propõe-se investigar de forma direta as vivências humanas e compreendê-las, em especial nesse contexto, no espaço escolar, sem se prender a explicações causais ou a generalizações.

Para tal, ela abdica, quanto possível, de pressupostos, hipóteses ou teorias explicativas. Quer dizer, buscar a experiência consciente do indivíduo, que é vivida de modo único, pessoal. Experiência esta, contida no mundo subjetivo de cada ser humano e que só se pode conhecer através do que é revelado quando sobre ela se interroga. Trata-se, então, de um movimento em direção à compreensão e à interpretação do fenômeno descrito e não à sua explicação.

## **2 DESENVOLVIMENTO DA VISITA COM AS SALAS AMBIENTALIZADAS**

No dia seis de abril do ano de 2019 realizamos a visita junto a Escola da rede estadual de educação, localizada no município de Ji-Paraná-RO, às 08h00min, sendo a mesma conhecida na cidade por ser uma escola periférica, não só pela sua localidade como também pelos alunos de classe social mais pobre.

O primeiro contato foi diretamente com a senhora que atendia na portaria da escola que já estava ciente da visita. A mesma foi receptiva e mostrou a sala da supervisora pedagógica, que nos recebeu em sua sala para explicar o funcionamento da escola e em seguida me encaminhou para primeira sala de aula a ser observada. Nesse momento, ao entrar na sala, com a autorização do professor que ministrava a aula, percebo um detalhe importante ao tomar assento em uma das cadeiras: a sala não era uma sala de aula comum como em qualquer outra escola, era uma sala condicionada para a disciplina ministrada naquele momento, o que na escola nomeiam de “sala ambiente”.

Destaco a importância desse cenário de salas com outra estruturação (ambientada conforme a disciplina ministrada), pois, em nosso entendimento, foge do modelo tradicional que ainda temos em algumas escolas. Por sua vez, essas mudanças

produzem um rompimento na estrutura de um currículo arcaico, direcionando esta escola a propostas mais interessante na aprendizagem, na medida em que um ambiente estabelece um clima que predispõe uma pessoa a sentir determinadas sensações, assim como vontade e predisposição para manifestar específicos comportamentos, distintas ações, diferentes atitudes, pois como defende o educador Paulo Freire (1996, p. 33):

A escola tem o dever de respeitar os saberes com os quais os educandos, sobretudo os de classe popular, chegam a ela. Porque não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deve associar a disciplina se ensina? Porque não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?

Logo, planejar um ambiente de conhecimento que convoque os alunos a aprendizagem e ao prazer de novos conhecimentos, novos saberes, e troca de experiências, as quais já possuem, é um condicionante dos professores dentro da escola.

É numa determinada sala de aula, a de sua turma, que o aluno passa a maior parte do tempo da sua escolarização. A ideia de sala ambiente não é nova na nossa história de ensino. Há tempos, escolas (dentro e fora do Brasil) têm organizado salas como, por exemplo, a de sala de leitura, o laboratório de ciências ou a biblioteca de modo ambientado. Mas aqui surge uma questão fundamental nessa observação que é: qual a diferença que existe de uma aula em uma sala ambiente para uma sala de aula tradicional, onde professor fala e aluno escuta, sem nenhuma aproximação?

Para Brandão (1986, p. 105), a escola é percebida no conceito quase que universal da seguinte maneira:

Na cabeça de quase todo mundo a sala de aula admite espacialmente uma única posição: a mesa do professor versus o lugar coletivo dos alunos. Necessária ou perversa, esta divisão ancestral dos lugares de ofício que ocupam esses cúmplices e rivais na sala de aula tem sido ultimamente posta em questão, seja para simplesmente lembrar que chegou afinal o tempo de inovações arquitetônicas e pedagógicas quanto ao assunto. Creio que a sala de aula é um espaço múltiplo que sempre comportou outras relações e oposições importantes e, no entanto, esquecidas por não serem possivelmente tão visíveis, do ponto de vista da ortodoxia pedagógica.

O que hoje chamamos de sala ambiente já existe em muitas de nossas escolas. Paralelamente, também está bastante presente na história do ensino a ideia e a prática de enriquecimento das aulas através de visita dos alunos a determinados espaços culturais ou naturais. Muitos professores, de maneira intuitiva ou consciente, entendem que os espaços a serem vivenciados pelos alunos devem ser variados, culturalmente enriquecidos e o mais próximo da realidade. Assim, promovem visitas a museus, teatros, a lugares históricos, enfim, estudos do meio (*In loco*) os mais diversos, pois “A sala ambiente pode tomar-se um meio de abrir espaço para que o aluno fale e seja de fato ouvido, que a sua voz seja também condutora da aula, e não somente a voz do professor” (ALMEIDA, 2017).

É devida à impossibilidade de ir a cada lugar de cultura para viver o momento de aprendizagem que um professor procura trazer a cultura para a sala de aula, pois o entendimento da existência de uma multiculturalidade na sociedade leva a constatação da diversidade de raízes culturais que fazem parte de um contexto educativo como uma sala de aula.

Nesse sentido, autores como Candau (2000; 2002), Forquin (1993), destacam a importância da relação existente entre escola e cultura, nos instiga a buscar uma melhor compreensão acerca da importância da cultura no processo de aprendizagem e nas práticas pedagógicas. Daí a ideia de sala ambiente, ambiente esse de aprendizagem de culturas e de todos os conhecimentos inerentes ao saber.

Ao caminhar até a sala que ocorreria a observação, notamos uma escola dividida em pavilhões de humanas e exatas, e um pavilhão para as series iniciais onde havia várias pinturas no chão, como por exemplo, a amarelinha<sup>1</sup>. A primeira sala a ser observada foi uma das salas de matemática que se denominava Bháskara<sup>2</sup> numa alusão a “fórmula condicionada ao matemático indiano Bháskara” usada na resolução de cálculos matemáticos. Observamos que havia formas geométricas penduradas pela estrutura da sala. A aula ministrada, no momento, era de matemática para uma turma de

---

<sup>1</sup> A brincadeira de amarelinha é muito conhecida do universo infantil, faz parte do cotidiano das crianças, e constitui-se basicamente em um diagrama riscado no chão, que deve ser percorrido respeitando as regras pré-estabelecidas. (MOREIRA, 2013, p. 12).

<sup>2</sup> Bháskara matemático indiano que viveu por volta do ano 1100. Fez várias descobertas, mas não é de sua autoria a fórmula que leva seu nome e resolver a equação de 2º grau. Na verdade, a resolução da equação já era conhecida antes (IMENES; LELLIS, 2002, p. 326)

nono ano. A sala era ambiente, assim sendo decorada/ambientada de acordo com a matéria.

O professor utilizava slides para lecionar os conteúdos, tendo acesso ao projetor da escola. O mesmo era muito atencioso com seus alunos e muito centrado em responder aos questionamentos, enquanto explicava o conteúdo. A sala era pequena, dividindo as mesas por fileiras, onde a maior concentração de alunos se dava ao final da sala.

O professor aparentava ser muito calmo e os alunos pareciam tanto retraídos em suas perguntas (de repente pela presença de uma pessoa alheia ao ambiente comum deles), porém, conversavam mais na hora em que estavam resolvendo as atividades pois, durante as explicações do professor, eles ficavam atentos. Contudo, notamos, alunos com fones de ouvido, mexendo no celular com frequência; uma aluna até dormiu durante a aula. A diversidade de estereótipos e estilos era muito notável: havia alguns alunos de boné remetente ao estilo sertanejo de se vestir<sup>3</sup>, havia uma aluna com tranças vermelhas, “piercing” no nariz e uma tiara da Minnie, já outra, com mexas azuis nos cabelos.

Na sala havia um grupo de alunas que se tratavam de forma agressiva, com palavrões desrespeitando umas às outras, uma delas até se vangloriava por ir para a direção ao menos uma vez por ano, o que de certo modo nos provocou espanto. A organização da saída dos alunos para outros ambientes como banheiro, bebedouro e as áreas administrativas só ocorria a partir do momento que usavam os crachás de liberação. Existiam apenas dois crachás de saída (diga quais eram) e só podendo sair da sala com esses crachás.

A duração da aula foi de 40 minutos, porém, o nono ano teve duas aulas seguidas de matemática. Após o término das duas aulas, os alunos se retiraram da sala e se direcionaram para a aula da próxima matéria. A partir desta troca de salas fui direcionado para o segundo local de observação, a sala Madeira-Mamoré<sup>4</sup>. Nesta sala se

---

<sup>3</sup> A linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para transmitir (ECO, 1982, p.17).

<sup>4</sup> Sala temática da disciplina de História. O nome faz alusão à fundação da ferrovia da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (E.F.M.M), localizada na capital do Estado de Rondônia, Brasil. Foi a 15ª ferrovia a ser construída no país, tendo as suas obras sido executadas entre 1907 e 1912. Estende-se por 366 quilômetros na Amazônia, ligando Porto Velho à Guajará-Mirim, cidades fundadas pela EFMM.

lecionava a matéria de História com alunos do 1º ano do ensino médio, essa também seguia o modelo de sala ambiente, portanto, era decorada de acordo com a matéria.

No canto da sala havia vários mapas pendurados, um armário onde os alunos guardavam os livros, cartazes explicativos sobre momentos históricos e também fotos que contam a história de Rondônia. Uma das fotos retratadas era de uma ferrovia na cidade Porto Velho em que havia um mural com um cartaz que indicava os conteúdos de história que são mais cobrados no ENEM.

A aula foi aplicada por meio da leitura do livro pelos alunos e atividades após a socialização. Notamos certa diferença de comportamento da sala de aula de primeiro ano, a de nono, onde eles se apresentam menos eufóricos, porém muito gozadores, a exemplo disso foi que enquanto o professor procurava o mapa um aluno soltou a seguinte frase “Meu mapa, minha vida”, assim todos riram, inclusive o próprio professor, mas depois se silenciou, como num gesto de descontentamento com comentário feito pelo aluno.

Nessa relação, por alguns momentos parecia que a linguagem estabelecida entre aluno o professor desentouava, não era clara, um falava, os outros ouviam, mas não parecia haver de fato uma comunicação. Haveria aí a necessidade de uma maior dialogicidade? Uma percepção mais aberta a percepção do outro e suas expectativas? Uma racionalidade mais dialógica e que não seja um “pensamento aposentado ou enrugado”, mas um outro modo de pensar que “procura fundamentalmente ver” (MERLEAU-PONTY, 1953, p. 45).

Com isso percebemos como se dá muitas vezes o processo da inter-relação em uma sala de aula, na relação aluno e professor, conforme aponta Paulo Freire “as relações entre educadores e educandos são complexas, fundamentais, difíceis, sobre que devemos pensar constantemente”, muitas vezes estas deixam marcas negativas ou positivas na vida de ambos. (FREIRE, 1997, p. 55).

A partir disso observamos que o relacionamento daquela turma com o professor era politizada e havia um respeito de ambas as partes, pois procurar “conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem” (FREIRE, 1997, p. 53). Por meio do docente pude



ver alguns trabalhos referentes à matéria já entregues, notando a criatividade que alguns grupos utilizaram se destacando de outros.

No término da aula de História, me direcionei ao terceiro local a ser observado, o *pátio*. Já era hora do intervalo ou do popular *recreio*. Nesse momento o ambiente encontrava-se repleto de crianças e jovens, e não era para menos, afinal, um momento de estímulos, diversos estímulos, o conversar despreocupadamente, o lanchar, o correr, o vai e vem, todos os movimentos que se entrelaçavam entre os alunos da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, percebendo-se a inclusão de todos, não havendo separação entre as turmas no tangível ao intervalo. No entanto, notamos grupos pelo pátio, percebendo-se por um instante uma estratificação de identidades e idades.

Já a infraestrutura e arquitetura parecia uma mediana para a quantidade de alunos, o centro do pátio era coberto e no final dele havia grades que dividiam a quadra desse espaço a qual os alunos só tinham acesso nas aulas de educação física. Aparentava ser uma quadra grande, havia também uma quadra de areia e um espaço para as crianças brincarem, com corredor, balanços e gangorras. Porém como já descrito, o acesso é algo fundamental na educação, seja na concepção de direitos constitucionais, seja junto a formação do ser social, seja no próprio espaço físico da escola. Dessa forma:

A relação pedagógica pode acontecer em qualquer espaço. Mas se pedagogia e a arquitetura influenciam-se mutuamente a questão a nos preocupar deve ser: qual espaço arquitetural deve ser produzido para a educação que queremos realizar? (GONÇALVES, 1999, p. 52).

Nesse contexto, a educação que queremos realizar precisa estar em consonância com a fundamentação do acesso, do direito e do dever de toda sociedade. Assim o ambiente escolar deve ser o mais propício para a formação do educando. Os movimentos devem ser respeitados, a possibilidade de crescimento assegurada, a pluralidade espalhada e o conhecimento florescido. Não devemos e não podemos menos de nossos espaços pedagógicos e de nossas escolas, afinal, alicerçamos nossas identidades na escola.



### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo a visita junto a supervisora da escola, agradecendo a recepção dela e dos docentes que proporcionaram esta observação nas salas de aula e instituição, considero a forma de organização das salas ambientes muito satisfatória pois, fica demonstrado a estrutura das salas ambiente e o trabalho feito no local, barrando os relatos negativos atribuídos a escola antes relatado, apesar da instituição sofrer com preconceito por ser localizada em áreas mais afastada do centro da cidade, sendo considerada periférica e de baixo rendimento escolar.

Percebe-se que neste relato de experiência, adquirindo por meio da observação, novas vivências e experiências relacionando teoria e prática podem ser adquiridas e contextualizadas em diferentes meios. Ter um ponto de vista fenomenológico na Educação é levar em consideração toda a escola, em toda a sua complexidade e pensar sobre as formas como cada um age e sente, pois “com as nuances do seu sentir e como cada um vê o mundo a partir de sua própria experiência e de sua cultura” (BICUDO, 1999, p.48).

É perceptível que essa organização das salas pode possibilitar ao professor, novas formas de transmitir o conteúdo, novas metodologias, pois a partir de tal contexto pode esclarecer alguma dúvida que surja, no mesmo momento, pois está munido de diferentes materiais referentes a disciplina que exerce.

No que se tange aos alunos nota - se que a organização das salas possibilita vivências diversificadas, remetendo a esta autonomia, organização e a responsabilidade, pois esta organização das salas temáticas pode criar para os alunos *possibilidades* de uma dinâmica qualificada das aulas e de suas aprendizagens buscando uma interação constante entre aluno e professor. Constitui-se, portanto este arranjo uma forma de organização metodológica e de espaço, que pode ser pensada e realizada em demais espaços educacionais no estado.

### REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nedir Fernandes de. Salas ambiente como estratégia de ensino aprendizagem. 2017. **Tese** (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRANDÃO Carlos Rodrigues. “**A turma de trás**”. In: MORAIS, Regis de (org.). **Sala de Aula - Que espaço é esse?** Campinas: Papirus, 1986.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ECO, Umberto. et al. In: **Psicologia do vestir**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

BICUDO, M. A.V. **A contribuição da fenomenologia à educação**. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani e CAPPELLETTI, Isabel. F. Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação. 1. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

FREIRE, Madalena. **Observação, Registro, Reflexão: Instrumento Metodológico**. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GONÇALVES, Rita de Cássia. A arquitetura escolar como materialidade do direito desigual à educação. **Ponto de Vista**. Florianópolis, v. 1, nº 1, p. 47-57, jul./dez. 1999.

IMENES, Luiz Marcio; LELLIS, Marcelo. **Matemática**. São Paulo: Scipione, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Éloge de la philosophie et autres essais**. Paris: Gallimard, 1953.

MOREIRA, Daniele Aparecida Fruchi. A brincadeira de amarelinha na educação infantil: uma contribuição para o desenvolvimento de habilidades matemáticas, em crianças de 4 anos. **TCC**. (Graduação em Pedagogia) - Centro Universitário Católico Salesiano **Auxilium**, UNISALESIANO, Lins, São Paulo.

**Recebido: 20/4/2021. Aceito: 14/6/2021.**

---

**Autores:**

**Gleudson Paulo Rodrigues Alves** - Graduado em Pedagogia. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Professor da rede pública do Estado de Rondônia.

**E-mail:** gleudson775@gmail.com

**Aroni Matos de Oliveira** - Graduado em Educação Física. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Professor da rede pública do Estado de Rondônia.

**E-mail:** adhuro@gmail.com

**Neivaldo Rodrigues dos Santos** - Bacharel em Ciências Econômicas e Licenciatura em Matemática. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Professor da rede pública do Estado de Rondônia.

**E-mail:** economistaneivaldo@gmail.com

**Clarides Henrich de Barba**- Graduado em Filosofia e Educação Física. Doutor em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor Associado IV da Universidade Federal de Rondônia.

**E-mail:** clarides@unir.br